

ciasenhas de teatro apresenta



CIRCO NEGRO

de daniel veronese

5 days ago

Veronese II - Cia Senhas se expõe ao risco

por Luciana Romagnolli



[<http://1.bp.blogspot.com/-HD9N926Kzml/UF9WzNAYheI/AAAAAAAAACNk/kRLWWz0Wgpw/s1600/circoneiro4.jpg>]
"Circo Negro".

Enquanto o Espanca! se reencontra no drama familiar borrado pelo absurdo de "O Líquido Tátil", que encerra temporada hoje em BH, a Cia Senhas avança em sua própria jornada com "Circo Negro", um espetáculo que se constitui como um desafio formal e estético ao qual a diretora Sueli Araújo responde com maturidade criativa. Como ouvi de um crítico paulista ontem, este é o trabalho ideal para que a companhia curitibana rompa a timidez e ultrapasse as fronteiras paranaenses. Concordo plenamente. Está mais do que na hora de mostrar-se a outros públicos.

"Circo Negro" (1996) é um texto-manifesto de Daniel Veronese para seu então grupo El Periférico de Objetos. Segundo [conta \[http://www.autores.org.ar/dveronese/periferico.htm\]](http://www.autores.org.ar/dveronese/periferico.htm), sua preocupação era a "possibilidade de discernir publicamente se para representar a morte era preferível usar um ator ou um boneco". Diz também que a peça "apresentava inumeráveis combates corpo a corpo de atores com seus bonecos: a luta por um lugar privilegiado na cena. Uma indagação sobre o dominador x o dominado, sobre a exposição dos múltiplos artifícios do fenômeno teatral (antes de entrar no verdadeiro corpo do circo negro, um ator introduz uma irônica lista de conselhos para poder atuar com propriedade)".

Os bonecos, contudo, não interessam à Cia Senhas. Foram, portanto, excluídos da cena, à exceção de uma boneca (vista na imagem acima, entre as atrizes Ciliane Vendrusculo e Greice Barros). O que

move o grupo nesta obra de Veronese é a observação crua da condição do atuante. Crua, mas não cega de sua beleza: afinal, como se diz em cena, o ator é o único capaz de morrer e voltar.

Como ponto de partida, o texto traz situações aparentemente impossíveis e sem maiores explicações sobre o modo de realizá-las, tal como "Carlota converte manipulador em frango". Diante disso, a diretora Sueli Araújo fez suas escolhas com liberdade. "A gente queria dar a nossa cara para esse conteúdo. Queria dialogar com o Daniel sem hierarquia, respeitando ele e a nossa identidade. O texto é seco, árido. A atmosfera, a gente que foi criando. Tivemos que inventar todos os 'faça isso'", diz ela.

Em suas mãos, a crueza original ganhou novos tons que, mesmo sem essa intenção prévia, valorizaram o humor negro, provocando risos sarcásticos na plateia. "O espetáculo acaba tendo humor, não por nossa vontade explícita. Mas é um humor no limite dessa crueldade".

Assim com o diretor argentino, Sueli dá atenção às trocas de olhares entre os atores em cena, sempre em triangulação com a plateia. "Para nós, é fundamental criar essa ligação com o público", diz a diretora.



[<http://1.bp.blogspot.com/-5ScfpwNRhTs/UF9WtW4E0FI/AAAAAAAAACNU/VxK5OYP8pz4/s1600/circoneegro.jpg>]

Para o ator Luiz Bertazzo, "Circo Negro" inaugura algumas questões para a Cia Senhas. "O que é fazer o realismo dentro dessa configuração de companhia, nessa linguagem em que a gente prioriza a relação com o público e o trabalho com o corpo?", indaga. O realismo a que ele se refere aparece infiltrado em meio a um contexto maior e mais complexo. "Brincamos com esse transbordamento das emoções na cena das russas", cita como exemplo.

Entre os temas que o espetáculo atinge, está o caráter de exposição da atividade do ator, revelado

sobretudo na sequência em que Greice é manipulada após ser submetida à hipnose e, ao acordar, se vinga de seus colegas. Peitos e bundas ficam em exibição. Porém, não é somente a nudez que os expõe, como fica claro em outras cenas relativas à recompensa financeira e às palmas requeridas mas nem sempre obtidas.

Bertazzo conta que demorou a entender que era preciso não exhibir o corpo "de mentira", ou seja, tentando fazer outras coisas que distraíssem do gesto, mas, sim, expor-se sem subterfúgios.

Para Greice, o impacto foi distinto no campo coletivo e pessoal. "Enquanto coletivo, sempre existiu essa exposição. É uma faca de dois gumes: quando o público entra, o espetáculo se constrói nessa exposição e nesse jogo. Meu trabalho é ficar na frente de vocês e isso é corporificado", diz. E continua: "Individualmente, que porra é esse trabalho de atuar! Tenho 32 anos, dois filhos, meu peito não tem silicone e eu estou com parceiros construindo uma história para vocês. Se isso não der certo, quem vai se ferrar é a gente. Para mim, é disso que esse texto está falando".

Tais questões desembocam num grau de risco calculado assumido pelos atores diante do público. Um momento-síntese é quando oferecem tomates aos espectadores: um risco construído que evidencia o risco real.



[http://3.bp.blogspot.com/-qi8yxaAAUOI/UF9pagvqOGI/AAAAAAAAACN0/NoFumwTFb38/s1600/Ensayo+Sobre+D%C3%A9biles_Foto+D%C3%A1nae+Kotsiras.JPG]
"Ensaio sobre Frágeis".

Em tempo: Nesse campo da exposição e do risco, são notáveis as semelhanças entre "Circo Negro" e "Ensaio sobre Frágeis", espetáculo mexicano apresentado pelo diretor Alberto Villareal no Mirada -

Festival Ibero-Americano de Teatro de Santos. Os cinco atores exibem ao público suas fraquezas e criam estratégias para ressaltá-las, como incitar os espectadores a votarem em qual ator deve ser expulso do teatro e qual deve levar tomatadas - o que, de fato, se realiza.

Trata-se de uma obra instigante, que desestabiliza e intriga o público em muitos momentos. A ressalva é que o grupo não constrói uma verdadeira cumplicidade com a plateia, até pelo teor de violência dos pedidos que a ela dirige, mas, mesmo assim, ao fim tenta estabelecer uma sessão terapêutica de confissões por parte dos espectadores, levando-os a uma comoção induzida.

* *"Circo Negro" está em cartaz em Curitiba até o dia 30 de setembro. Veja horários [aqui](http://guia.gazetadopovo.com.br/teatro/circo-negro/5740/1212/) [http://guia.gazetadopovo.com.br/teatro/circo-negro/5740/1212/].*

Posted 5 days ago by [Luciana Eastwood Romagnoli](#)



Add a comment

GAZETA DO POVO

Caderno G

Sábado, 29/09/2012

Rosano Mauro Jr./Divulgação



Atores simulam show de bizarrices em Circo Negro

ESTREIA

CiaSenhas soma Veronese ao currículo

Publicado em 05/09/2012 | HELENA CARNIERI

A curitibana CiaSenhas estreia amanhã sua incursão pela dramaturgia do argentino Daniel Veronese, com Circo Negro. Entrando no clima, o espetáculo será apresentado até o fim do mês na Cia. dos Palhaços, próximo à Reitoria da UFPR ([veja o serviço completo do espetáculo no Guia Gazeta do Povo](#)).

Após dois anos de "namoro" virtual com o trabalho do reconhecido autor teatral, o grupo se deixa contaminar pela atmosfera seca e cruel, ao mesmo tempo em que digere Veronese para obter um amálgama que dê continuidade a suas próprias pesquisas sobre teatro.

Serviço

Circo Negro

Cia. dos Palhaços (R. Amintas de Barros, 307), (41) 3077-5009. Quinta-feira a sábado, às 20 horas, e domingo, às 18 e 20 horas. R\$ 10 e R\$ 5 (meia-entrada). Até 30 de setembro. Classificação indicativa: 18 anos.

Em cena, Greice Barros e Luiz Bertazzo, que integram a companhia, Ciliane Vendruscolo, que participou de Delicadas Embalagens (2009) e Rafael di Lari, ex-Subjêtil, dão corpo a uma experimentação relacionada ao próprio ato de atuar.

"Veronese é muito político, engajado, mas nesse trabalho ele é pós-dramático", conta a diretora Sueli Araújo. Outras questões que já vinham sendo investigadas pelo coletivo e que puderam ser inseridas no texto do argentino são o contato com o público e os limites da exposição do ator.

O conteúdo é um texto que mais parece um roteiro, abarcando os temas da traição, maldade e fragilidade.

Quando sobem ao palco, sob signos que lembram os shows de bizarrices, os atores movem-se de forma lenta e aparentemente improvisada, parecendo buscar combinações e arranjos para as cenas ali mesmo, olhando-se nos olhos uns dos outros e cochichando.

Desacelerando suas ações, que parecem desgovernadas, os atores passam a impressão de que o espetáculo nunca começa, a não ser em números enxertados, como na simulação de um número circense com animais – ou homens – e no relato de uma morte na Rússia e de uma morte em cena.

Apesar do nome e da recomendação a maiores de 18 anos, o resultado não é tão "negro" assim: nas mãos da CiaSenhas, Circonegro (1996) recebeu uma carga de humor, talvez inerente ao grupo, que Sueli garante que irá diminuir até a estreia.

Em meio a uma peça que fala sobre o próprio teatro, o texto pode ser entendido como um manifesto sobre as dificuldades do ato de representar, falando do dilaceramento vivido pelo ator diante de um público nem sempre receptivo.

É interessante o trato que a companhia dá ao autor argentino: num contexto de diálogo, sem estabelecer hierarquias.

Por exemplo, a cena da morte, requisitada pelo roteiro, é trabalhada de acordo com os interesses do grupo. "Fazemos do nosso jeito", explica Grace Barros. "Quisemos dar a nossa cara para o conteúdo", confirma Sueli. A também atriz Anne Celli estreia na assistência de direção.

Autor

Se já esteve interessado no teatro de bonecos e objetos, Veronese hoje utiliza textos clássicos, como A Gaivota, de Tchekhov, que são remodelados para investigar o que podem dizer hoje, mais de cem anos após a estreia. Seu trabalho também interessa ao grupo mineiro Espanca!, que estreou no fim de agosto Líquido Tátil, com texto e direção do argentino.



<http://www.curitibacultura.com.br/3x4/diogo-woiczack/no-realejo-um-som-grotesco>

No realejo um som grotesco

Publicado por Diogo Woiczack em 24/09/2012 - 15:08



O cartaz um espelho. Nem o riso e nem a lágrima, mas o constante fluxo no eixo vida e morte. A Cia. dos Palhaços e sua ante-sala de cores quentes podem ter sido um acaso, mas era sabido seu efeito de contraste: lá dentro um ambiente negro menciona um circo, apesar da aparência do interior de uma casa. Na parede emoldurados cada um dos quatro atores do elenco, retratos inacabados para sempre, visto que as imagens estão em movimento.

Nada está estático, o que transborda o palco: a platéia também encontra sua corda bamba. Substituída por palmas artificiais, também me descobro artifício, brinquete emocional dentro da cena. O riso que brota na face é logo censurado quando o raciocínio alcança as emoções e percebe a puta sacanagem. A vingança não demora e o tomate é oferecido ao público. Você o arremessaria na bunda-alvo do personagem/ator?

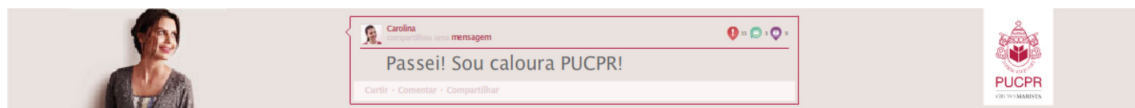
Minha primeira impressão é o mundo, o espetáculo humano diário, dentro de cada casa, de cada um que estampa um porta-retrato na casa da sua família. Pensando nisso descobro a segunda, que é justamente a relação vivida por quem ocupa os retratos pendurados na parede-cenário. Pesquisando, entrevistando e pensando, sim, é a representação o primeiro plano da peça.

Tudo é um jogo que mostra o real e o ficcional através de seus interstícios. É ali que uma mãe de família pode não ser mãe mesmo sendo mãe, onde um homem morre de mentirinha mesmo quando assassinado e que um boneco ganha a alma humana. Alguém já disse rindo: essa brincadeira vai terminar em choro.

A crueldade é indissociável da natureza, no sentido do implacável. E a humanidade aí, inventando a eternidade, enviando jogadores de futebol para o sacrifício e artistas para o sucesso póstumo. Lágrimas de crocodilo!?

Em um domingo, que começou ensolarado e terminou chuvoso, alguém da platéia aceitou o tomate que tinha endereço. Antes mesmo da intenção se tornar ação: música para seguir o baile. O efeito de cena salvaguardou uma bunda e a crueldade do jogo, paralisou meu julgamento e mostrou um posicionamento humano da companhia.

Mais importante que os pólos observados na montagem da CiaSenhas para Circo Negro de Daniel Veronese, início e fim / vida e morte / ficção e realidade, está a relação entre essas contrariedades, a ambivalência dessa polarização. A síntese não é o alvo.



[Vida e Cidadania](#) | [Vida Pública](#) | [Eleições 2012](#) | [Mundo](#) | [Economia](#) | [Esportes](#) | [Caderno G](#) | [Viver Bem](#)

[Opinião](#) | [Colunas](#) | [Vida na Universidade](#) | [Ensino](#) | [Pós & Carreira](#) | [Agro](#) | [Saúde](#) | [Dados](#) | [Gente](#) | [GAZ+](#) | [Tecnologia](#) | [Turismo](#) | [Copa](#) | [Automóveis](#) | [Imóveis](#) | [Justiça e Direito](#) | [Bom Gourmet](#)

EDIÇÃO DO DIA | [Anteriores](#) | [Paz Tem Voz](#) | **VÍDEOS** | [Blogs](#) | [Cinema](#) | [Guia](#) | [Obituario](#) | [Charges](#) | [Rascunho](#) | [Delivery](#) | [Clube do Assinante](#) | [Assinaturas](#) | [Classificados](#) | Digite uma palavra-chave

Sábado, 29/09/2012

[Blogs](#) > [Cultura e Entretenimento](#) > **Teatrofagia**

QUEM FAZ O BLOG

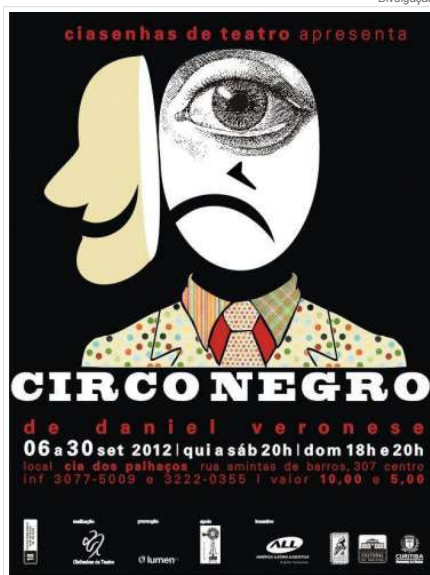
ANTERIORES: Escolha o mês

[Criticando Espetáculo Alheio](#) | [Pensando enquanto come](#) |

Enviado por [Cilene Tanaka](#) - cilenetanaka@hotmail.com, 12/09/2012 às 08:27

Circo Negro da Cia Senhas com Texto de Daniel Veronese: as cores do tétrico

0 0 3



Panfleto da peça

Divulgação

Circo Negro, texto do argentino Daniel Veronese, encenado pela Cia Senhas numa bela demonstração de teatro de grupo.

Adorei assistir no espaçoinho apertado e aconchegante da Cia dos Palhaços. Não creio ter sido a única.

Assim que acabou tudo, ouvi: isto é teatro. Assim, sem exclamação: "isto é teatro" poderia ser irônico e desafiador, mas dado o contexto, acreditei ser verdadeiro. Mesmo que sem exclamação.

Era uma mistura de terror com sarcasmo, tipo Tom Waits mesmo, ou seria Carlos Careqa? Ambos

Sempre achei o Tom Waits um Bukowski musicado. Sabe a história do colorido que cheira mal? A edição de Misto-Quente da L&PM Pocket e seu retumbante vermelho e preto.

E bem posta a escolha desta encenação da Cia Senhas, já que o próprio Daniel Veronese fez coisa de outra ordem com sua companhia.

A montagem do Veronese era algo lúgubre onde as meninas eram bonecas e onde de colorido só havia o artificial o de plástico.

Mas a Cia Senhas parece ter bem mais vontade de que o público

brinque junto e por isso põe cores, palmas gravadas, olhar que olha para a platéia e atuação mais orgânica, humana quase, ou seria verossímil?

Claro, a artificialidade da apenas ocasional voz das personagens causa impressão contrária.

Claro que esta artificialidade causa choque e claro que a organicidade fala do jogo posto em cena muito mais que dos indivíduos personagem. Entende?

Era orgânica, unívoca a atuação que falava da própria atuação. Havia tão pouca fala que quando diziam nos assustavam, como se houvesse algo errado.

Divulgação



Língua Solta



Mais de 2,1 mil projetos de inovação

ATUALIZADO há 16h

Sobretudo



Ouçã a coletânea de David Byrne para os 70 anos de Tim Maia

ATUALIZADO há 18h



Cinema

Filmes em cartaz, horários e locais das sessões

Restaurantes

Mais de 600 lugares para comer e se deliciar

Delivery

Mais de 100 lugares para você escolher

Bares

300 estabelecimentos para curtir

Teatros

Confira o roteiro dos melhores espetáculos

Shows

Não fique parado, saiba aqui tudo que rola

O som das palmas gravadas auxiliava um jogo de cena tão revelador quanto complexo.

O jogo duplo poderia nos inspirar a seguir o exemplo tanto quanto deixar que a sonoplastia, numa ação política, fizesse nosso trabalho de público.

As palmas do final do espetáculo foram antecipadas e apareceram também no começo.

Os atores cansavam de agradecer e elas nunca acabavam, o que pode parecer apenas entretenimento, mas é, além de bela ironia, também uma maneira de tentar controlar a reação do público.

Entretenimento posto que nos diverte.

Ironia por que mostra que a tecnologia dá conta dos aplausos, única participação direta do público no espetáculo.

Maneira de tentar controlar disfarçada, já que pode nos estimular a bater palmas como, de fato, aconteceu ao final.

Era um tudo circo tétrico colorido, em que os jogos tentam revelar a atuação e, numa relação entre teatro e vida, revelar o nosso teatro cotidiano.

Claro que enfiar uma faca nas costas de alguém ou brincar de ser cego e tentar encontrar o sininho não são cotidiano de todos mas daqueles do teatro ou das crianças.

Daí reveladora uma concepção de teatro como algo para lá da vida, para uma vida especial, para, ao menos, uma infância onde ainda sabemos brincar.



O Elenco



Eles todos

Divulgação

Num ambiente em que até tubarão voa, o que podemos esperar? Mas tubarões voam também sobre a realidade, só não lhes damos a devida atenção porque as vezes estão disfarçados de verossimilhança.

O nome da peça faz referência ao espírito da encenação, que é negro no mecanismo de mostrar tudo o que o ator faz.

A primeira fala bem exagerada do Alberto deu destaque ao que deveria. Mas o exagero se perdeu talvez congelado no iceberg da platéia.

Mas não podemos nos esquecer que a platéia tem de ser convidada pelos atores: se o palco não está quente, ninguém mais fica.

Claro que considero aqui a ansiedade de uma estréia. Mas claro que mesmo na ansiedade da estréia é necessário ver que a responsabilidade é do palco em estimular o público e não o contrário.

Senti nisto uma mãozinha menos de tinta. Uma lixadinha talvez no ritmo das ações e na cena em que a menina coloca colheres no rosto de Alberto, já que não a entendi até ler o texto.

Talvez conversar um pouco com o ator que faz o Ernesto e usar melhor sua subserviente voz.

Quem sabe prestar um pouco de atenção ao conto do malabarista russo, já que ele se descola do restante da peça. Mas tudo com calma, sem dobrar demais o bambu, senão ele quebra.

Fora isto, tão bom ver coisa boa. Tão bom ver peça limpa, casa cheia e gente agindo como fosse ao Oscar. Tubarão voando no céu da realidade.

Não falo de vestimentas, tenho fé nos que usam salto para ir ao mercado e tênis para ir ao tribunal. Um amigo (oi José!) me contou de um país cuja cultura determina que se vista bem em casa e que se use as piores roupas para sair.

Falo do desfile de estrelas (ou seriam tubarões?) que uma estréia da Cia Senhas provocou: Curitiba não tem mar mas tem bar, não tem oscar mas tem gralha, não tem glamour mas finge.

E se não gostasse de fingimento, não gostava de teatro.

Gostei deste clima todo, o tétrico da montagem original foi substituído por um surrealismo cinematográfico e colorido.

E tintas de cores tão fortes sempre dão mais destaque àquela demão que falta.

Gosto da ambição justamente porque ela arrisca. E é da força das tintas que gostei naquele dia, a demão de tinta é só reforçar, mas as cores fortes não se encontra em qualquer lugar.

O serviço desta belezinha que é o Circo Negro, você encontra [aqui](#).

Comente!

[Link permanente](#)



Imóveis	Veículos	Empregos	Multi
11737 ofertas	2338 ofertas	613 ofertas	755 ofertas



O elenco

Divulgação

Fringe - A ousadia da baixeza no "Circo Negro" da CiaSenhas



"Circo Negro". Fotos de Ester Gehlen.

por Luciana Romagnolli

No "Poema em Linha Reta", Fernando Pessoa (1888-1935) vê um mundo repleto de semideuses onde seu eu lírico parece ser o único vil, "no sentido mesquinho e infame da vileza". A ironia se lança contra a negação/o ocultamento dos comportamentos e instintos mais baixos. Aqueles mesmos que o homem viveria sem vergonha no passado, mas que teriam se transformado em má consciência na modernidade segundo a genealogia da moral traçada por Friedrich Nietzsche (1844-1900). Um material humano desprezado ao qual se abre espaço para existir, ser visto e pensado em "Circo Negro", espetáculo da CiaSenhas.

Nietzsche considera a má consciência um mal adquirido pelo ser humano ao se encerrar na "paz" da sociedade. Com ela, "foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal, (...) resultado de uma declaração de guerra aos velhos instintos nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que inspirava". Para o alemão, contudo, o prazer na crueldade não se extinguiu completamente no mundo de hoje; em vez disso, foi transposto ao plano imaginativo e psíquico, conformando sentimentos como a compaixão trágica.

"Circo Negro" coloca esses instintos em evidência numa encenação que joga com a condição do ator dentro de uma atmosfera circense estetizada, na qual os procedimentos e rituais tradicionais das grandes lonas e das feiras artísticas -

portanto, da arte "baixa" em comparação à erudição dos salões de teatro literato - são citados com cinismo. Ao mesmo tempo, a crueldade humana, assim como a sujeição, a manipulação e a humilhação tornam-se objeto do humor negro.



O espetáculo exige do espectador uma disposição inusual de seus afetos para o reconhecimento de suas baixezas. E para, contra a má consciência adquirida, recobrar a experiência do prazer que o cruel pode lhe inspirar. O roteiro de ações concretizadas em cena demanda uma fruição distanciada, diante da qual o público pode adotar também uma postura cínica, caso aceite o pacto apresentado.

A direção de Sueli Araújo orchestra um estranhamento a pairar sobre a encenação, que contamina ritmos e humores do jogo entre os atores; e é reforçado pela música e pelos elementos cênicos, sobretudo os quadros vivos que espreitam ao fundo do cenário desenhado por Paulo Vinícius, à semelhança dos [video portraits de Bob Wilson](#).

Minuciosa na comunicação visual tanto entre os próprios atores quanto entre eles e o público, a diretora refina as trocas de olhares e uma gestualidade expressiva, de modo a criar uma cumplicidade dentro da cena. Esse será um dos fundamentos da dramaturgia, inclusive para ser desconstruído quando necessário. Em paralelo, a relação que o elenco estabelece com o espectador é de tensão e incômodo, erguendo a base para que se reflita a condição de exposição inerente ao trabalho do ator.

A manipulação e a sujeição são reveladas nesse contexto metateatral dentro de cenas que reeditam a gramática de artes cênicas menos valoradas socialmente, como o show de hipnose; e de outras que evidenciam o contraste entre a presença do ator e a do boneco. Este, que era o mote do texto de Daniel Veronese quando escrito (em 1997) para seu então grupo Periférico de Objetos, torna-se mais sutil na opção da CiaSenhais por se concentrar no aspecto humano reduzindo os bonecos a um.



Pelo modo como faz a sério o escracho e se sustenta no estranhamento também como elemento organizador da dramaturgia, negando ao espectador uma história à qual se apegar, personagens empáticos ou respostas emocionais relativas a afetos elevados, que poderiam ser facilitadores da fruição, "Circo Negro" representa uma ousadia de linguagem e de conteúdo com a qual a CiaSenhas avança em sua trajetória, mantendo a coerência com sua história.

Em tempo, há de se dizer que o espetáculo perde nuances em um teatro maior, como o do HSBC, no qual se apresenta no Fringe, em comparação ao espaço intimista da Cia. dos Palhaços onde estreou. O jogo dos atores em relação ao espectador ressentido de uma copresença mais próxima, embora isso não impeça a obra de transcender a condição cruel do artista para tangenciar a crueldade do humano.

*E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*

(...)

Fernando Pessoa

Circo Negro: ousadia e maturidade na peça da CiaSenhas que faz últimas apresentações neste fim de semana

Por Fernando Henrique de Oliveira



Ciliane Vendruscolo, Luiz Bertazzo, Rafael di Lari e Greice Barros em *Circo Negro*, adaptação do texto de Daniel Veronese pela CiaSenhas de Teatro. Foto: CiaSenhas/Divulgação.

Eu confesso: não foi fácil escrever sobre *Circo Negro*, a peça da CiaSenhas de Teatro que permanece em cartaz até domingo, dia 30, no Espaço da Cia. dos Palhaços (R. Amintas de Barros, 307 – Centro). Há algumas razões para esta dificuldade. A primeira delas é a de se desfazer do arrebatamento inicial, que se estabelece com o início da peça e perdura – por um longo período – depois do seu encerramento. Sim, é pra se entusiasmar e, particularmente, fiquei feliz não só com o espetáculo, mas também o momento a que chegou a companhia.

Tal arrebatamento, quando impregnado por esta tal felicidade, não representa um bom termômetro para a crítica – ou resenha crítica, ou análise, ou pitacos, porque não sei precisar qual a matéria de um texto como este que coloco aqui –, uma vez que ela exige o tal distanciamento que permite avaliar a coisa pela coisa em si – e não a coisa a partir de como eu a vejo enfim. O problema é que, não bastasse um arrebatamento, eu precisei assistir à peça uma segunda vez, o que prolongou o sentimento inicial e me afastou do distanciamento pretendido. É por isso que, se fosse preciso dizer algo sobre ela agora, de pronto e sem amarras, confiando apenas no entusiasmo, diria: “É linda! Corra pra ver”. Simples assim. Mas mesmo me forçando a um distanciamento (necessário), não há como evitar o imperativo. Portanto, corra! E corra mesmo porque este é o último fim de semana.

Assumir esta indicativa é outra razão de dificuldade para me colocar em relação à obra. Significa que eu a indico para o público, o que é verdade, mas não sei se todos os públicos veriam na peça a graça que eu vi – embora seja difícil não gostar do que se vê no pequeno espaço da Cia. dos Palhaços.



Rafael di Lari, Luiz Bertazzo e a morte em cena. Foto: CiaSenhas/Divulgação.

Filosofias (mequetrefes, que se diga) à parte, vale justificar por que *Circo Negro* causa tanto entusiasmo – e por que merece ser vista. A primeira razão está no momento ao qual chegou a CiaSenhas, que mencionei no começo do texto. Eu não acompanhei de perto o trabalho do grupo que existe há mais de uma década até o fim do semestre passado, quando a companhia recapitulou três de seus espetáculos mais recentes (*Homem Piano*, *Delicadas Embalagens* e *Concerto para Rameirinhas*) em uma pequena mostra de repertório, algo que poderia existir mais se não fossem os entraves todos (que quem de arte vive sabe quais são).

Consegui assistir aos três e fiquei impressionado. Parte disso se deve ao fato de as três peças buscarem, no olhar para o público, uma repercussão que se dá em cena, entre os atores. Outro fato que me marcou foi a consistência da dramaturgia desenvolvida pela companhia – uma dramaturgia que se aprimorava e se sofisticava a cada uma das peças.

E, então, depois da recapitulação, surge *Circo Negro*, uma adaptação do texto do atualmente celebrado dramaturgo argentino Daniel Veronese. Processos de adaptação à parte, o texto de Veronese, originalmente concebido para bonecos, foi transposto para o palco com quatro atores, levando em conta questões importantes para a companhia, segundo Luiz Bertazzo, um dos atores da peça. Mais do que isso: o texto é usado como meio para a expressão de outras questões que, hoje (e diferentemente das três peças que o grupo recapitulou), com *Circo Negro*, parecem incorporadas à companhia: a ideia de realismo (importante antes) que se dissolve em uma estrutura nada realista, o gesto imbuído de significação e a emoção que surge independente da narrativa. Três questões apreendidas a partir do texto de Veronese e desenvolvidas a partir do olhar para o público, da percepção do expectador, um elemento que dita a razão de ser da cena, do espetáculo como um todo – pelo menos, é a percepção que tenho, e que fica evidente já no início de *Circo Negro*.



Emoção e representação: Ciliane Vendruscolo e Greice Barros dão vida a um conto russo em meio à peça. Foto: CiaSenhas/Divulgação.

Aliás, é já no início do espetáculo que se percebe que ele é fruto da maturidade de um grupo que, com *Circo Negro*, busca inovar a partir de um desafio formal e estético ao qual ele mesmo se coloca. Parte deste desafio está no diálogo que procura estabelecer com um texto que não é de autoria própria (no caso, da diretora Sueli Araújo, que também assina a direção de *Circo Negro*) e, mais, que pertence a um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos da atualidade. Outra parte está na concepção

dramatúrgica nada fabular (um salto em comparação aos outros espetáculos) que coloca este texto – e as questões da companhia – em cena.

É aí que a coisa pega – e esta talvez seja a principal razão do meu arrebatamento. Nada do que se pretende com a peça faria sentido se ela não tivesse calcada na atuação de seus atores – ainda mais quando a peça tem como ponto central a representação. E mais, se não fosse o grupo tão coeso. Chama a atenção o fato de tal unidade ser obtida mesmo quando há dois atores novos em cena: Ciliane Vendruscolo e Rafael di Lari, que se juntaram a Greice Barros, Bertazzo e à companhia para a o espetáculo.



Bertazzo em cena. Foto: CiaSenhas/Divulgação.

Mas, apesar da coesão e afinação do elenco, *Circo Negro* não só evidencia, como confirma o talento de Luiz Bertazzo, um dos mais evidentes na atual cena curitibana. É dele os melhores momentos da peça, como quando se transforma em leão ou quando descreve a sintomatologia de sua própria morte no palco.

No fim das contas (e até porque o texto já se faz longo), *Circo Negro* não é um espetáculo para ser entendido. “É pra ver o circo acontecendo”, diz Bertazzo, com quem falei na tentativa de saber mais sobre a peça. De fato, é para ser visto, antes de tudo. Contemplado, que seja, e sentido, do início ao fim. E, fazendo eco ao diálogo relatado por Luciana Romagnoli no início do seu texto sobre a peça (leia [aqui](#)), relevante para cruzar as fronteiras da cidade e ser vista por outros olhares.

CIRCO NEGRO

Últimas apresentações: sexta (28) e sábado (29), às 20h; domingo (30), às 18h e às 20h.

Local: Espaço Cultural Cia. dos Palhaços (R. Amintas de Barros, 307 – Centro).

Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia entrada)

Circo Negro

Existem algumas possibilidades de se compreender a crueldade. A partir da modernidade, o homem passa a se perceber parte de um novo modelo, no qual domina a ausência de valores que o mantém seguro e conformado; e também da sua contraposição a isso, mediante um estado de reconhecimento e aceitação do desconforto como naturalidade. A condição de todo o tempo se valer da insegurança e do desconhecido gerou no indivíduo a descoberta por certo prazer na submissão do outro mediante sua humilhação. Nesse sentido, a crueldade retrata a eficácia de outra realidade, ao menos quando esta se refere ao modo como a anulação do outro estabelece a própria sobrevivência. Menos filosófico, porém, também são os argumentos de boa parte do capitalismo moderno, pelo qual um deve subtrair o outro em todas as suas possibilidades, chegando ao extremos de atuar sobre sua emoção e condição física, como meio de torná-lo subserviente e servil. Mas é preciso aceitar haver na crueldade também a transformação da submissão em prazer puro, feito um masoquista em busca de sua humilhação. Se pensada a crueldade na construção dos direitos, a discussão avança para caminhos mais complexos. Diferenciar os homens, a partir de suas necessidades e capacidades, é igualmente uma ação cruel, ou a diferenciação permite aos envolvidos melhor adequação e reconhecimento de necessidades específicas? Enfim, a crueldade pode ser posta em debate pela filosofia, sociologia, economia, religião, psicanálise, ética... O leque é praticamente inesgotável. É necessário, então, escolher algum. No espetáculo Circo Negro, ela se dá pelo viés da crueldade servir ao reconhecimento do que venha a ser a realidade e de quem ali é de fato real. Realidade esta, quebrada sistematicamente com cenas de ações farsescas, cotidianas, elaboradas por gestos repetidos à exaustão e sem qualquer fundamento de serem necessários. Por isso, a realidade se coloca intensamente em cheque. Seria a caricatura uma tentativa superlativa de desenhar o real, ou o real escapa na caricatura de sua face, determinando de modo mais claro aquilo que o é e o que não? Perfeita contradição, própria da liberdade encontrada no universo circense e na necessidade do exagero provocado. No circo há o intuito de comunicar algo à plateia. No espetáculo, todavia, o propositadamente comunicado é absolutamente inútil, a não ser como exposição de ridículo, controle e crueldade sobre o outro. Existir nesse universo circense bizarro amplia a presença da realidade à concretude do ator em cena. E, por mais que assistamos a um espetáculo teatral, torna-se impossível se desvencilhar do constrangimento ao vê-los tão expostos sobre o palco. Pode parecer se tratar de uma humilhação gratuita, mas esta está mais para o masoquismo do intérprete em se oferecer ao desagradável e à exposição cruel que insiste em ridicularizá-lo, como meios de provocar no espectador igual reconhecimento de sua submissão e inércia. Espetáculo, no melhor sentido do exibicionismo, pelo qual assistí-lo é igualmente se descobrir participante de um circo de contradições. A generosidade e talento dos atores faz da obra do argentino Veronese uma experiência especial. E é preciso dizer ainda, que o trabalho trouxe um dos melhores inícios de espetáculo de todo o festival. Inventivo, controladamente ridículo, criticamente ingênuo e esteticamente muito interessante. Circo Negro é desses espetáculos que poderiam ganhar as estradas e garagens por aí. Em bons e muitos momentos, lembrou, de uma maneira mais atual e jovem, a ironia e sabores do velho e saudoso Teatro do Ornitórrinco.

Posted 4 weeks ago by [Diálogos](#)

Labels: [ruy filho](#)

► Jogo de cena

O palco não é só o ponto de encontro das artes, é onde a arte retoma vida

Realidade e ficção se revezam no palco-circo da Cia. Senhas

Em "Circo Negro", escrito pelo argentino Daniel Veronese e apresentado em São Paulo durante o Festival Brasileiro do Teatro, o grupo curitibano explora os truques e as fissuras do fazer teatral

MARIA FERNANDA VOMERO

25/09/2013 14h00 - Atualizado em 25/09/2013 14h03

[Tweetar](#) [Kindle](#) [Share](#) [g+](#) 2



Os atores Rafael di Lari, Greice Barros, Luiz Bertazzo e Cilliane Vendruscolo, da Cia. Senhas, em cena de "Circo Negro". (Foto: Divulgação)

"Respeitável público!" Um tubarão inflável e teleguiado sobrevoa nossas cabeças e nos dá as boas-vindas com seus movimentos circulares. No palco, quatro atores executam ações triviais (ou seriam quatro personagens que simulam ser atores e executam movimentos bastante calculados, reproduzindo ações triviais?). A trilha cria uma atmosfera de picardia – e, talvez, de picadeiro –, as luzes permanecem acesas por alguns momentos ainda, os atores/personagens aceleram o ritmo; ora, estimada plateia, o espetáculo já começou.

A curitibana Cia. Senhas de Teatro trouxe a São Paulo, durante o Festival Brasileiro do Teatro, sua leitura para o texto **Circo Negro**, do argentino Daniel Veronese, um dos nomes mais importantes da dramaturgia contemporânea latino-americana [recentemente, o Espanca!, grupo de Minas Gerais, montou *O Líquido Tátil*, outra obra de Veronese, com direção dele mesmo]. Há quem identifique, entre as escolhas recorrentes do argentino, a presença de um realismo não subserviente, um realismo contaminado pelo humor ácido, quase melancólico, e por um registro entre o sinistro e o grotesco, além do flerte com a metalinguagem. A encenação – como tema e como forma, engrenagem – está sempre em xeque, mesmo quando não é o foco principal da narrativa. É como se Veronese propusesse um teatro em constante embate interno, um teatro-fênix, que precisa ser dissolvido ou desconstruído para que, em seguida e de imediato, se refaça, carregado de frescor – e de fissuras (para ser de novo implodido).

Escrito em 1996, **Circo Negro** é muito mais um roteiro de ações que um texto teatral nos moldes convencionais e foi pensado para ser trabalhado com bonecos. Faz parte da pesquisa de Veronese com seu grupo El Periférico de Objetos, criado em 1989, voltado ao teatro de animação para adultos. Como o nome diz, o interesse pelo "periférico" sempre guiou as criações da companhia, que, por sua vez, também sempre se colocou em posição periférica. Vale ressaltar que, se antes o que interessava ao diretor e dramaturgo argentino era quase que exclusivamente explorar os mecanismos cênicos por meio do uso de bonecos e da presença atores-manipuladores, gradativamente sua investigação artística passou a contemplar o trabalho com os atores-intérpretes. Por isso, me parece curioso que a Cia. Senhas tenha contrariado a indicação inicial do autor e montado **Circo Negro** apenas com atores de carne e osso (na perspectiva do Periférico, os bonecos eram igualmente atores, "os que atuam"), como se atualizasse as inquietações do próprio Veronese, segundo a produção atual dele. Curioso e estimulante.

Pois bem: depois que o tubarão inflável se recolhe aos camarins, os personagens/atores ou os atores/personagens interrompem o que estão fazendo, como se dessem conta de que estão no palco (qual mesmo? o da vida ou o do teatro?). Pequenos instantes de constrangimento. Ou de consciência. Vão até a beirada, inclinam-se para receber os aplausos. E eles vêm – mas não são nossos, da plateia ali presente. São aplausos *ex machina*. Ora, as palmas convencionam o fim de um espetáculo. Talvez o que venha a seguir seja, então, um não-espetáculo dentro do contexto da peça. Começa uma espécie de conferência ou aula sobre os segredos da representação: o que se deve fazer para encenar isso ou aquilo, como isso precisa ser feito. No teatro ou na vida? Instaura-se, portanto, o jogo entre realidade e ficção, mas não um jogo entre mundo real e mundo ficcional; trata-se da realidade e da ficção inerentes à própria obra – ou seja, o que corresponde à sua estrutura, o que parece fantástico. A sensação de estranheza faz parte desse jogo.



A curitibana Cia. Senhas oferece uma leitura instigante para o texto do argentino Daniel Veronese ao montá-lo com atores – e não com bonecos (Foto: Divulgação.)

Os momentos de "aula" intercalam-se com esquetes circenses, nos quais os mecanismos de manipulação (a hipnose, o adestramento) se tornam evidentes. Paira sempre uma dúvida sobre a figura do ator; quando ele funciona como títere de outrem e quando ele é senhor de sua própria interpretação. Assim, a Cia. Senhas é bem sucedida ao trabalhar com os limites entre o ator-manipulador e o ator-intérprete, ainda que não recorra aos bonecos. Por isso, o corpo tem papel fundamental; os gestos e os movimentos são tanto o motor da narrativa quanto a base da construção cênica. Do olhar ao caminhar de um ponto a outro, tudo significa. A preparação corporal e a direção de movimento se mostram excelentes. Os intérpretes Cílliane Vendruscolo, Greice Barros, Luiz Bertazzo e Rafael di Lari estão ótimos; são precisos no que fazem, sempre em sintonia uns com os outros, e mantêm vivo o jogo.

O desenho cênico contribui para o dinamismo e a fluidez do espetáculo. Nada sobra; tudo é enxuto e muito bem encaixado. Achei particularmente acertada a presença dos quadros com imagens dos atores ao fundo, no cenário. Em certos momentos, tive a impressão de que aqueles retratos cinéticos queriam me recordar dos outros personagens possíveis daqueles atores: eles mesmos, numa existência (virtual ou real), além daquele picadeiro. E gostei bastante da trilha sonora, responsável por ressaltar as diferentes atmosferas da peça.

O espetáculo me arrebatou, o que talvez me deixe minha avaliação menos imparcial, mas constato uma maturidade grande nessa montagem. Sua proposta não é simples, lida o tempo todo com desencaixes (de tempo, de espaço, de foco), e o grupo, sob direção de Sueli Araújo, cumpre com gallardia o desafio. Desconheço a trajetória da Cia. Senhas – é a primeira peça da trupe a que assisto –, mas, em conversa com o público depois da apresentação, diretora e atores contaram que a obra de Veronese veio ao encontro de certas inquietações com as quais eles já vinham trabalhando.

O ritmo e a qualidade da encenação são dois motivos consistentes para explicar o fascínio desse **Circo Negro**, mas existe algo além; há esse efeito que emerge à revelia do que se narra na superficialidade. Uma emoção genuína, nada manipulada, que brota do estranhamento. Uma sensação periférica, que invade o espaço reservado à lógica e à razão. Talvez seja isso o que nos diferencie dos títeres e dos bonecos: ao contrário deles, sucumbimos à morte, temos limitações físicas e inevitavelmente transmitimos emoções (mesmo quando não queremos); mas carregamos o que se convencionou chamar de "alma" (anima), essa porção de mistério que pertence a todos e a ninguém.

** Os espetáculos do Festival Brasileiro de Teatro foram apresentados em São Paulo de 11 a 22/9. Oficinas também integraram a programação.*

“Circo negro”

» Espetáculo tem estreia marcada para sábado, às 21h, no Sesc Ipiranga. *Pág. 3*

Pérides

» O sambista lança seu segundo trabalho da carreira solo. *Pág. 2*



acontece

• péssimo ★ ruim ★★ regular ★★★ bom ★★★★★ ótimo S sem avaliação

CRÍTICA DRAMA

Macabro e com ar circense, 'Circo Negro' mostra batalhas básicas da existência

CAROLIN OVERHOFF FERREIRA
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O argentino Daniel Veronese é um autor incontornável da dramaturgia latino-americana contemporânea. A peça "Circo Negro", de 1996, que a CiaSenhas de Teatro apresenta na direção de Sueli Araujo é a mais experimental que já escreveu.

No entanto, mantém-se fiel a sua temática principal: a relação intrínseca entre realidade e ficção, atuação humana e representação.

Ao dispensar personagens e lugares definidos ou ações coerentes, o texto cabe na con-

cepção do "pós-dramático". Na verdade, é pouco mais do que um roteiro que propõe situações para atores e bonecos. A companhia de Curitiba abraça não os autômatos para focar melhor nas complexas relações humanas.

Quatro comediantes, dois homens e duas mulheres (Ciliane Vendruscolo, Greice Barros, Luiz Bertazzo e Rafael di Lari), demonstram que a interpretação no teatro, baseada na reprodução mimética dos comportamentos humanos, deve expressar sobretudo os dois extremos que marcam os sentimentos humanos: o desprezo e a compaixão.

Explica-se, assim, o título: assistimos a um espetáculo macabro e com ar circense que revela as batalhas básicas da existência.

Num espaço simples onde sobressaem retratos digitais animados dos atores na parade (cenografia: Paulo Vinicius), o espetáculo começa com o aperfeiçoamento da técnica de interpretação.

Parte depois para o entrelaçamento entre ofício e agressão humana em situações que vão do conflito fatal entre amigos até o abuso sexual. Dentre ofensa, humilhação e vingança há pouco espaço para a compaixão.

Quando finalmente ganha uma cena na qual as duas atores contam uma história de misericórdia, mostram logo que conseguem deturpá-la facilmente com sua técnica.

"Circo Negro" propõe uma teoria do teatro em ação. Indica cenas que podem expressar a preocupação principal do teatro: mostrar com técnica apurada os paradoxos da alma humana.

A CiaSenhas de Teatro entendeu isso e aqui evidencia em cenas fortes a inseparabilidade das ferramentas do ator da interpretação dos abismos que nos habitam.

CIRCO NEGRO

QUANDO sáb., 21h; dom., 18h

ONDE Sesc Ipiranga (r. Bom Pastor, 822; tel. 0/xx/11/3340-2000)

QUANTO R\$ 6 a R\$ 30

CLASSIFICAÇÃO 16 anos

AValiação ótimo

Lenise Pinheiro/Folhapress



Barros (à esq.), Vendruscolo, Bertazzo e di Lari na peça